Teodoro, António (2010). *Educação, Globalização e Neoliberalismo. Os novos modos de regulação transnacional das políticas de educação*

Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 96 páginas.

António Teodoro, através da obra *Educação, Globalização e Neoliberalismo. Os novos modos de regulação transnacional das políticas de educação,* convida-nos a uma reflexão provocadora, ousada e intensa. Provocadora, porque toca numa trilogia fascinante: a Educação, a Globalização e o Neoliberalismo. Ousada, porque questiona e abala muitos dos sensos comuns que temos como garantidos. Intensa, porque, sendo o autor, um profundo conhecedor de cenário nacional e internacional que envolve a Educação, obriga-nos a deslocarmos o nosso ponto de vista tanto para o seu ponto de vista, como para o ponto de vista de outros estudiosos visitados por Teodoro.

Desta maneira, logo nas primeiras linhas da introdução à sua obra, Teodoro chama a atenção para a importância da Escola como "espaço central de integração social e de formação para o trabalho" (p. 9) não esquecendo de seguida de referir que essa mesma Escola se tem tornado num "tema central dos debates políticos" (p. 9) quer a nível nacional, quer internacional. Esta perspectiva é corroborada, por exemplo, em Magalhães e Stoer[1] (2002), para quem os problemas que envolvem a Escola ocupam um lugar importante na praça pública.

Contudo, é num tom quase apaziguador das várias tensões que se fazem ouvir em volta da problemática da Escola, que Teodoro esclarece que essas tensões resultam de duas forças políticas distintas: uma, dita de direita e outra, dita de esquerda. Assim enquanto a *direita* salienta os "baixos resultados escolares, deficiente inserção profissional e fraca capacidade de socialização" (p.10), a esquerda realça que a Escola "produz (novas) desigualdades sociais" (p. 10). Poderemos pois, neste ponto, reflectir nas contradições entre as vozes que apontam a perda de elitismo e o esmorecer da excelência académica, e as que aludem às falhas nos compromissos assumidos pela Escola.

Teodoro tem neste livro o objectivo de apresentar razões que mostrem, nas suas palavras, "a urgência da construção das bases epistemológicas e políticas de um *novo senso comum*, capaz de ajudar a formular uma agenda educacional de um novo bloco social interessado em impulsionar (e realizar) políticas progressivas de paz, justiça social, felicidade e liberdade para todos. (p. 11). De forma a concretizar o objectivo que traçou, o autor estrutura o livro em sete capítulos.

1. O Estado-Nação como centro da construção dos sistemas educativos da modernidade: a tardia construção da escola de massas em Portugal;
2. Os processos de globalização;
3. O neoliberalismo como expressão das formas de globalização hegemónica;
4. A governação (*governance*) como modo de regulação do neoliberalismo;
5. Novos modos de regulação transnacional das políticas de educação: a regulação pelos resultados e o papel das comparações internacionais;
6. A "europeização" das políticas de educação: da exclusiva responsabilidade dos Estados nacionais à construção do Espaço Europeu da Educação;
7. Críticas e utopísticas: por uma pedagogia da possibilidade na construção de políticas de educação democráticas numa era cosmopolítica.

No primeiro capítulo, Teodoro aborda a construção dos sistemas educativos e o papel central que nela desempenhou o Estado-Nação. Neste capítulo é de fugaz importância o estudo do autor sobre o atraso da expansão da escola de massas em Portugal, onde questiona: "Porquê esta subalternização do investimento do estado na educação pública, apesar de, a nível do discurso político e da produção legislativa, se verificar um assinalável avanço e precocidade?" (p. 17). Não raras vezes, a resposta a esta questão

tem surgido distorcida, talvez para atender a determinadas ideologias. Todavia, Teodoro acentua a necessidade de se compreender a situação de Portugal no sistema mundial e esclarece sem grandes hesitações que "a condição semiperiférica de Portugal, no contexto europeu, começou imediatamente na transição do século XVI para o século XVII e consolidou-se durante os séculos XVII e XVIII" (p. 18).

Os processos de globalização são estudados no capítulo dois do livro. Nele, Teodoro refere os diferentes sentidos atribuídos à globalização e caracteriza a Educação como modo de globalização de baixa intensidade. No entanto, o autor não esconde que esta sua atribuição tem levado a algumas controvérsias, já que outros questionam se o mesmo se admite em relação ao Ensino Superior ou à Investigação Científica. Ao assinalar esta controvérsia, Teodoro permite-nos, enquanto leitores, pensar em outras possibilidades em vez de ficarmos imediatamente presos ao seu pensamento.

No terceiro capítulo, Teodoro identifica o neoliberalismo como a forma dominante da globalização hegemónica, referindo, portanto, que "mais do que uma teoria económica, ele deve ser estudado como uma nova ordem social e uma tecnologia de governo favorável aos mais poderosos." (p. 41).

No quarto capítulo é estudado o conceito de governação, ou *governance*, na literatura anglo-saxónica, sendo este entendido como uma forma de regulação do neoliberalismo. Para tal Teodoro começa por enumerar e analisar as contradições que a teoria neoliberal apresenta.

Já no quinto capítulo o autor discute a influência da escolha dos indicadores dos projectos estatísticos internacionais na marcação da agenda global de educação acrescentando o grande impacto que essa escolha tem não só nas políticas de educação dos países centrais como também nos países situados na semiperiferia.

No sexto capítulo, estuda as diferentes "formas como os Estados nacionais responderam aos desafios do processo de desenvolvimento" (p. 61). Deste modo, o autor salienta a União Europeia como uma das formas institucionais mais aperfeiçoadas para serem estabelecidos acordos multilaterais entre Estados.

No sétimo capítulo, Teodoro aceita, sem cinismos, a procura de uma alternativa ao plano ideológico para a educação delineado pelas forças de direita. Não podemos portanto deixar passar a pergunta que o autor reconhece como questão central: "**é possível, nos tempos de hoje, construir as bases de um novo senso comum, capaz de ajudar a formular uma agenda educativa e um novo bloco social interessado em impulsionar (e realizar) políticas progressivas de paz, justiça social, felicidade e liberdade?**" (p. 76).

Assumindo um papel mobilizador, que há muito acostumou os que de perto seguem os seus passos, Teodoro sintetiza: "*todos somos cidadãos do mesmo mundo* e a luta pelo bem-estar, felicidade e segurança de uns está ligada ao combate à fome e à pobreza, às causas da injustiça e da exclusão social, tanto no plano das sociedades nacionais como no das relações internacionais." (pp. 76-77). Contudo, o autor identifica a necessidade de trazer à sua crença quatro grupos sociais: o grupo que valoriza a educação como forma de ascender socialmente, o grupo dos lutam contra as formas de exclusão social, o grupo formado por todos os profissionais da educação e o grupo constituído pela *nova classe média*.

Vale ainda a pena percorrer as referências bibliográficas do autor, pois Teodoro é, com inúmeros artigos e livros publicados, como aliás foi atrás referido, um profundo conhecedor e estudioso destas problemáticas

O *Professor* António Teodoro costuma salientar a importância de dar a conhecer as obras em jeito de aperitivo, assim é permitido chamar a atenção de possíveis leitores, alunos ou não, para o seu valor. Não querendo atraiçoar o *Professor* gostaríamos de terminar como o autor concluiu esta sua obra, pois afinal é possível alcançar a ventura:

> Tal como nos anos de 1970, estamos a viver momentos de *bifurcação*, onde a intervenção cidadã, nos seus diferentes espaços, da ciência à intervenção política, se apresenta como particularmente determinante. Mas, também aqui, no espaço da educação, a *fortuna é de quem a agarrar* (p. 87).

Ana Sofia António
sof_antonio@hotmail.com

Nota

[1] Magalhães, A.; Stoer, S. (2002). A Nova Classe Média e a Reconfiguração do Mandato Endereçado ao Sistema Educativo. *Educação Sociedade & Culturas, 18*, 25 - 40. Porto: Edições Afrontamento.